

O VÍNCULO AMOROSO NA ALIENAÇÃO PARENTAL: UMA CONSTRUÇÃO SOB A LUZ DA PSICANÁLISE

THE LOVING BOND IN PARENTAL ALIENATION: A PSYCHOANALYTIC CONSTRUCTION

Kaira Carla Sikora¹
Sandra Cristina Lunkes Stenzel²
Silvana Nardello Nasihgil³
Fábio Osmar Dürrewald⁴
Miriam Izolina Padoin Dalla Rosa⁵

SIKORA, K.; STENZEL, S. C. L.; NASIHGIL, S. N.; DÜRREWALD, F. O.; ROSA, M. I. P. D. O vínculo amoroso na alienação parental: uma construção sob a luz da psicanálise. **Akrópolis** Umuarama, v. 22, n. 2, p. 125-138, jul./dez. 2014.

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo realizar um estudo sobre a alienação parental à luz de conceitos psicanalíticos. Utilizamos como metodologia de pesquisa a revisão bibliográfica, priorizando as obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan, os quais fundamentam a abordagem teórica em questão, assim como, autores contemporâneos que tratam da alienação parental. A teoria psicanalítica possibilitou a compreensão da constituição psíquica do sujeito, ao considerar os princípios de prazer e de realidade, os processos de alienação e separação, e o Complexo de Édipo. Além disso, discutimos como a dinâmica inconsciente (por meio do ego, id e superego) influencia nas escolhas amorosas, na maternidade, na paternidade e no rompimento dos vínculos afetivos. Tais conceitos foram pesquisados a fim de analisarmos o vínculo amoroso na alienação parental, em que um genitor, ou qualquer outra pessoa que ocupe a função materna ou a função paterna para criança em questão intenciona afastar física e emocionalmente um filho de seus pais. A alienação causada por um genitor, ou avós, tios, entre outros se caracteriza pelos atos que suscitam obstáculos a relação, sentimentos depreciativos, e que de fato busquem desconstruir os laços entre o(s) filho(s) e um genitor, ou qualquer outra pessoa que preenche esta outra função.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Alienação parental. Vínculo afetivo. Inconsciente. Ambivalência.

ABSTRACT: The present article aims to carry out a study on the Parental Alienation by applying Psychoanalytic Concepts. For such, a bibliographic review was used as the research methodology, prioritizing the works by Sigmund Freud and Jacques Lacan, which substantiate the theoretical approach in question, as well as contemporary authors writing on Parental Alienation. The Psychoanalytic Theory allowed the comprehension of the psychical constitution of the subject, considering the Pleasure and the Reality Principles, alienation-separation processes and the Oedipus' Complex. Besides, the authors discussed how the unconscious dynamics (through id, ego and superego) influence in the romantic choices, in motherhood, in fatherhood and in the rupture of affective bonds. These concepts were studied in order to analyze how these concepts are related to the Parental Alienation, where a progenitor or another person that occupies the parents' role for the child in question tries to physically and emotionally separate a child from his/her parents. The alienation caused by a progenitor, or grandparents, aunts, uncles, or others, is characterized by acts that produce obsta-

¹Graduanda do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Campus Toledo. Contato: kaira.sikora@pucpr.br

²Graduanda do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Contato: sandra.stenzel@hotmail.com

³Graduanda do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Contato: silnn.adv@gmail.com

⁴Graduando do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Contato: fabio_d81@yahoo.com.br

⁵Orientadora. Psicanalista. Graduada em Psicologia. Especialista em Metodologia do Ensino Superior. Especialista em Psicanálise Clínica e Cultura. Mestre em Educação. Mestranda em Filosofia pela UNIOESTE/Toledo/PR. Docente e Orientadora de Estágio no Curso de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR/Toledo – PR. Contato: miriam.rosa@pucpr.br.

cles to the relationship, depreciative emotions that, in fact, try to destroy the bonds between the child and a progenitor, or another person holding that role.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Parental Alienation; Affective Bond; The Unconscious; Ambivalence.

INTRODUÇÃO

No presente artigo nos propomos a realizar um estudo sobre o vínculo amoroso na Alienação Parental sob o enfoque psicanalítico, sendo este vínculo caracterizado por laços que existem para além das questões comportamentais, alcançando o sujeito do inconsciente e as marcas que se estabelecem na construção subjetiva do que é amar e ser amado. Freud e Lacan não se ativeram especificamente ao tema da alienação parental. Mesmo assim, as contribuições desses autores nos permitem estudar as relações parentais e as especificidades dos laços familiares à luz da teoria psicanalítica. A Alienação Parental é uma questão em debate, na contemporaneidade, e a inserção e promoção desta interlocução, pressupomos, adicionam elementos relevantes para a compreensão dos aspectos psicológicos envolvidos na trama familiar.

Assim, a alienação parental pode ser definida sucintamente como o fato de um genitor¹, ou outra qualquer outra pessoa, criar óbices e desmanchar o vínculo existente entre o(s) filho(s) e o outro genitor, por meio de deprecições que visam à obstrução deste relacionamento.

Acreditamos que as peculiaridades psíquicas dos envolvidos na alienação parental merecem reflexão, pela sua complexidade, bem como, pela escassez de publicações acerca do tema, principalmente no que se refere à contribuição da psicanálise.

Para a composição do trabalho utilizamos como metodologia de pesquisa a revisão bibliográfica, especificamente bibliografias psicanalíticas e obras que fundamentam a abordagem teórica em questão, dentre eles: Sigmund Freud e Jacques Lacan e autores contemporâneos que discutem os problemas referentes à alienação parental.

Iniciamos nosso estudo desenvolvendo uma breve descrição histórica da psicanálise, a

fim de situar a evolução do pensamento freudiano, no que concerne ao avanço do hipnotismo à associação livre. Em seguida, apresentamos aspectos da constituição psíquica do sujeito em Freud e Lacan, abordando os conceitos de pulsão, de princípio de prazer e princípio de realidade, o autoerotismo, a identificação, entre outros. Apresentamos a relação objetal e introduzimos a noção de alienação e separação que ocorrem com o sujeito do inconsciente e sua ligação com o Outro. Também trabalhamos os conceitos lacanianos: estágio do espelho e falta.

Na terceira seção, definimos, especificamente, os modos de estabelecimento do vínculo amoroso, enfatizando a questão da feminilidade e da masculinidade, complementado com a ideia de objeto. Esta seção apresenta como objeto de reflexão as relações de amor e ódio. Posteriormente, discutimos a temática do casamento como uma forma especial de vínculo amoroso e a maternidade como manifestação do desejo. Complementando a seção, correlacionamos o rompimento do vínculo amoroso como o sentimento de perda de objeto e a diferenciação entre Alienação Parental e Síndrome de Alienação Parental (SAP). Para finalizar, propomos uma articulação entre os conceitos psicanalíticos e o debate acerca da Alienação Parental, enfocando, especificamente, a dinâmica inconsciente relacionada às escolhas amorosas e aos pseudorompimentos desses vínculos afetivos.

A ESTRUTURAÇÃO DO PSIQUISMO SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE

A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA EM FREUD E EM LACAN

Para iniciarmos uma discussão acerca da subjetividade, torna-se interessante, assim como fizera Freud, questionar: É possível conhecer o Eu? De que modo o próprio Eu pode configurar-se ao mesmo tempo como o investigador e o objeto de investigação? E para responder afirmativamente e de forma adequada, é preciso compreender que o sujeito é justamente capaz de construir conhecimento em torno da subjetividade, devido à cisão que há nele. Logo, é o entendimento da divisão estrutural que nos permite articular os aspectos da constituição psíquica (FREUD, 2006b, p. 64). Acreditamos que esta estruturação se mantenha ao longo da vida adulta e que nas disputas afetivas, presentes

¹Optamos, neste artigo, por estudar a alienação parental na relação que se estabelece entre a criança e seus genitores. Entretanto, sabemos que a alienação parental pode se dar na relação da criança para com pais, avós, tios ou qualquer outra pessoa que ocupe a função materna ou a função paterna para esta criança.

nos casos de alienação parental, tais aspectos estejam presentes.

Para tanto, o surgimento da “vida interna”, está pautado na ideia de pulsão, conceituada por Freud como o limite da relação entre o psíquico e o somático, oriundo dos processos de diferenciação interno-externo, entendida como representante dos estímulos interiores, que não podem ser equiparados à estimulação externa que aciona o arcoreflexo. A pulsão tem como fonte o organismo, e é inscrita na dimensão simbólica do pensamento e por suas representações torna possíveis os caminhos do inconsciente (FREUD, 2004a, pp. 147-148).

Entretanto, para que ocorram as marcas representacionais e a subjetividade inaugure seu começo, não basta o nascimento de um bebê e as estimulações em seu organismo. Isto é, tão somente um acontecimento, é preciso mais do que isso, é necessário que ocorram as experiências ao longo da vida. Sensações de prazer e desprazer que provocam um corte, configurando assim a primeira relação do sujeito: a relação com a falta². Assim, esse corpo repleto de exigências necessita de um agente, de alguém que desempenhe a função materna e busque atender e diminuir sensações desagradáveis. As ações dessa pessoa criam períodos de eu-prazer contra eu-realidade que marcam a formação de certa ordem simbólica no bebê.

De acordo com Freud os conflitos estão pautados na relação alheia existente entre ‘id’ e ‘ego’. Descrevendo o primeiro analogamente como um caldeirão de agitações, que estaria sempre aberto a ser influenciado por aspectos somáticos. É o ‘id’ portador das pulsões, capaz de expressar suas premências no psiquismo. “Luta pela consecução da satisfação das necessidades pulsionais, sujeita à observância do princípio do prazer. As leis lógicas do pensamento não se aplicam ao id, e isto é verdadeiro, acima de tudo, quanto à lei da contradição” (FREUD, 2006b, p. 78). Significa que no id as pulsões contrárias coexistem, não se abolem, podendo até concorrer, tendendo para o mesmo fim, para descarga da energia psíquica. Nesta área obscura da perso-

nalidade, o tempo não obedece a cronologias e os aspectos da moralidade não exercem influência no desejo. As pulsões que nunca atravessaram as fronteiras do id ou as marcas reprimidas e enviadas para ele são “virtualmente imortais; depois de se passarem décadas, comportam-se como se tivessem ocorrido há pouco” (FREUD, 2006b, p. 79). Logo, enquanto o ego executa o princípio de realidade, o id batalha em busca de percorrer o princípio de prazer:

sabemos que o princípio do prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. Esse último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer. Contudo, o princípio de prazer persiste por longo tempo como o método de funcionamento empregado pelos instintos sexuais, que são difíceis de ‘educar’, e, partindo desses instintos, ou do próprio ego, com frequência consegue vencer o princípio de realidade, em detrimento do organismo como um todo (FREUD, 2006c, p. 20, grifo do autor).

Sendo assim, o ego precisa lidar com objetos advindos do mundo externo, bem como, com estímulos pulsionais internos que lhe causam desprazer. O que não impede que possa sentir prazer em fontes externas que virá a incorporar, e encontrar em seu interior condições desagradáveis que procurará expulsar. Em outras palavras, a realidade externa é percebida como “uma parcela prazerosa, que ele incorpora em si, e em um resto, que lhe parece estranho [...]”. De seu próprio Ego ele extraiu uma parte que expeliu para o mundo externo que passa a sentir como hostil” (FREUD, 2004a, p. 159).

A partir da concepção de que as relações entre prazer e realidade contribuem com as marcas simbólicas infantis, compreende-se que desde a fase mais primitiva o corpo será afetado e sujeito às fendas envolvidas no processo de alienação do ser humano a uma ordem simbó-

²O termo falta é um conceito cunhado por Lacan que se relaciona com os termos: privação, frustração e castração, hierarquizados conforme três ordens, o real, o imaginário e o simbólico. A privação pode ser entendida como a falta real de um objeto simbólico, a frustração, como a falta imaginária de um objeto real (uma reivindicação infundável), e a castração, como a falta simbólica de um objeto imaginário (resolução do enigma da diferença sexual: o pênis falta na mulher, mas sem por isso inferiorizá-la) (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 554).

lica. Sendo assim, a mãe é responsável pelas marcas de satisfação na criança, e a repetição desta experiência possibilita os primeiros registros simbólicos, em que a criança faz seu apelo, invocando a ação materna. Conforme Souza (1994, p. 124):

desde o mais arcaico dos simbolismos – o apelo de criança que evoca presença-ausência da mãe – podemos aprender essa estrutura própria à linguagem que supõe uma quebra definitiva entre o significante, o que é enunciado, e o referente. Neste apelo primitivo da criança há um desligamento que se operara entre necessidade biológica e demanda de presença, ternura, reconhecimento. Há, aí, o referente perdido; perdido do real do corpo materno. Em outras palavras, o que o sujeito busca só encontrará através de um outro. Lembremos do aforisma de Lacan: “o desejo do homem é o desejo do outro”.

Portanto, perceber a realidade por meio das experiências de satisfação é, simultaneamente, experienciar a falta. Isto posto, compreende-se que, neste segundo ato de subjetivação, os objetos entram em jogo, objetos que pertencem a esse Outro do qual aquele ser humano todo depende.

Em Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (FREUD, 2006d) é possível compreender as manifestações da psicosexualidade infantil, retomando sempre que o conceito de sexualidade para a psicanálise ultrapassa o sentido habitual. Esse conceito é empregado como na língua alemã se usa a palavra *lieben*, que significa ‘amar’. Logo, é preciso ampliar a ideia em torno daquilo que é sexual para Freud, entendendo que não se refere somente ao coito e outros ‘atos’ de sexualidade (FREUD, 2006e, p. 127).

Esclarecido este aspecto, pode-se seguir a importância da função das zonas erógenas – que são regiões do corpo, mucosas ou pele, que geram sensação de prazer quando estimuladas - ex. zona dos lábios, zona anal - para a construção da subjetividade. Sabe-se que o seio, o objeto que nutre as necessidades alimentares do bebê, pertence ao outro, e verifica-se que com o passar das experiências e trocas mãe-filho, o ato de sugar deixa de existir somente pela fome, e continua muito mais pela sensação de prazer obtida (FREUD, 2006d, p. 169). O que se constitui no “brinde do prazer” para Lacan, este mo-

mento de verdadeira “alucinação” do bebê que marca a entrada do autoerotismo. Ressalta-se que é neste momento, pela pulsão oral que “o alvo sexual consiste na incorporação do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma de identificação, um papel psíquico tão importante” (Ibid., p. 187, grifo do autor). Para então dar conta de forma cômoda e continuar se satisfazendo mesmo na ausência do atendimento aos apelos feitos à mãe, a criança apresenta a prática denominada ‘autoerotismo’ (Ibid., p. 170), onde ela se utiliza de uma parte do próprio corpo para obter prazer, o que a torna de certo modo independente da exterioridade que não é capaz de dominar.

Outra fase importante de manifestações sexuais e apoio à construção da subjetividade é o período em que a região anal começa a ser percebida e estimulada pelo conteúdo intestinal. Sua retenção e liberação envolvem a relação com o outro sob o caráter de respectiva recusa ou obediência. As questões de prazer envolvidas com essa região, os prazeres da oralidade e do autoerotismo podem se conservar durante os anos, sob diferentes graus de excitabilidade (Ibid., pp. 175-176). Ainda na primeira infância, as pulsões pré-genitais, nomeadas como organização sádico-anal, são responsáveis pela divisão “em opostos que perpassa a vida sexual [...] mas eles ainda não podem ser chamados de masculino e feminino, e sim ativo e passivo” (Ibid., p. 187, grifo do autor). Nota-se que as atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas exercem influência sobre as pulsões, como por exemplo, a expressão da agressividade, ou da pulsão de dominação. “As crianças que se distinguem por uma crueldade peculiar para com os animais e os companheiros despertam [...] a suspeita de uma atividade sexual intensa e precoce advinda das zonas erógenas” (Ibid., p. 182).

Desse modo, compreende-se que a agressividade faz parte das características da infância, e que o que é posteriormente desenvolvido é a compaixão, porém, há o risco de os vínculos com as pulsões cruéis e as zonas erógenas também permanecerem indissolúveis na vida se houver falhas nestas barreiras psíquicas.

Ademais, não se pode deixar de lado as experiências ligadas à região genital, as quais marcam o corpo da criança, não tendo o papel principal neste momento da infância, mas preparando os caminhos para acontecimentos significativos no futuro. É inegável o prazer obtido

nos cuidados, nos toques de higienização e até mesmo nas excitações geradas pelas secreções no órgão (FREUD, 2006d, p. 176-177). As sensações despertadas no corpo da criança, entre três e cinco anos, preparam o processo em que se inicia a atividade de investigação. Esta pulsão de dominação influencia também o desejo de olhar, que a priori é autoerótico, mas, nessa idade já começa a transformar o outro em objeto. Logo, surge a comparação entre órgãos genitais e aparece o principal enigma: “de onde surgem os bebês?” (Ibid., p. 183).

A criança é aos poucos punida por seu interesse pelo próprio órgão genital e pelos dos outros. No caso do menino, ele não teme as ameaças, por não acreditar na possibilidade de perder o órgão. Até o momento de observar o órgão genital feminino e surgir então, “a possibilidade de castração” (FREUD, 2006f, p. 194-195).

A psicanálise apontou a relevância de duas experiências de perda, pelas quais todas as crianças atravessam, e presume-se que devem ser consideradas devido ao alto valor que exercem para o corpo e a subjetividade. Essas experiências são:

a retirada do seio materno - a princípio de modo intermitente, e mais tarde, definitivamente - e a exigência cotidiana que lhes é feita para soltarem os conteúdos do intestino. Não existe, porém, prova que demonstre que, ao efetuar-se a ameaça de castração, essas experiências tenham qualquer efeito. Somente quando uma nova experiência lhe surge no caminho, que a criança começa a avaliar a possibilidade de ser castrada, fazendo-o apenas de modo hesitante e de má vontade, não sem fazer esforços para depreciar a significação de algo que ela própria observou (FREUD, 2006f, p. 195).

O Complexo de Édipo oferece à criança uma possibilidade de satisfação ativa e outra passiva. Respectivamente colocando-se no lugar de seu pai, desejando os dons da mãe que pertencem a esse “pai” – que representa um empecilho - à maneira masculina; ou assumindo o lugar da mãe e desejando ser amada pelo pai, situação em que a mãe se torna mais supérflua (Ibid., p. 196, grifo nosso).

No Complexo de Édipo, os dois posicionamentos levam a perda do pênis. A posição masculina como uma punição resultante, e a feminina como pré-condição, pois o menino re-

conhece que as mulheres são castradas, o que logo aponta a impossibilidade de obtenção de satisfação neste complexo. Assim, o amor no campo do complexo de Édipo lhe custa uma perda – a do pênis – o que ocasiona conflitos entre seu “interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego [eu] da criança volta as costas ao complexo de Édipo” (Ibid., p. 196, grifo nosso).

Desse modo, os investimentos libidinais de objeto são abandonados e substituídos por identificações. A identificação pode ser comparada à “incorporação oral, canibalística, da outra pessoa” (FREUD, 2006b, p. 68), e é o processo em que um ego assemelha-se a outro ego, o que a diferencia da escolha objetal onde o objetivo é o possuir e não tornar-se igual à outra pessoa.

Pelas vias da identificação a autoridade do pai ou dos pais é introjetada, formando a essência para o superego, em que a Lei do Pai se vincula à proibição do incesto, protegendo o eu de retornar às catexias libidinais. Cabe aqui ressaltar que a Lei do Pai é uma função que intervéem configurando para a mãe um desejo além da criança, não necessariamente sob forma de um homem e sim qualquer elemento que quebre, reordene a relação mãe-filho. Como caminhos substitutivos, essas energias encontram a dessexualização e a sublimação, também sendo inibidas em sua finalidade e modificadas em impulsos mais afetuosos. É uma resolução interessante, pois de um ângulo poupou o órgão genital, retirando ameaças e, por outro, modifica sua função, paralisando-a. A partir destas alterações, a criança entra no período de latência (FREUD, 2006f, p. 196):

na menina, o temor da castração, cai também um motivo poderoso para o estabelecimento de um superego e para a interrupção da organização genital infantil. Nela, muito mais que no menino, essas mudanças parecem ser resultado da criação e de intimidação oriunda do exterior, as quais a ameaçam com uma perda de amor. O complexo de Édipo da menina é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; em minha experiência, raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai. [...] Ela desliza - ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer - do pênis para um bebê. Seu comple-

xo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente - dar-lhe um filho (FREUD, 2006f, p. 198).

Um filho, portanto, ocupa um lugar específico na subjetividade de uma pessoa, seja homem ou mulher, e esse lugar está associado a própria constituição psíquica desta pessoa, ou seja, à formação do sujeito do inconsciente.

Este sujeito, referido por Lacan como sujeito cindido, dividido, é um sujeito marcado pela linguagem e pela falta. É possível conhecê-lo por meio das formações do inconsciente: sintomas, sonhos, lapsos, atos falhos e chistes (ELIA, 2010, p. 71). Ele nasce no desejo materno, alienado, mas é também no desejo da mãe por outra 'coisa' que têm a possibilidade de se distinguir, na separação. Destarte, o que se busca no objeto do desejo jamais é propriamente o objeto, e sim, o falo, o que gera sempre uma lacuna, uma discrepância entre filho como objeto e o objeto do desejo materno.

É então no Outro que existe espaço para a identificação e para a diferenciação. Outro definido por Lacan como "o lugar em que se situa a cadeia significativa que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito" (1985, pp. 193-194) assim, só se conhece o sujeito a partir do lugar ou lócus do Outro, contrariando defesas de que o sujeito poderia tomar consciência de si (LAURENT, 1997, p. 34).

Salientamos que é possível verificar modalidades que, como afirma Quinet (2012, p. 7) "nos mostram como não há sujeito sem outro", seriam as modalidades do "outro" em Lacan. Isto posto, o Outro, o qual representamos com inicial maiúscula, refere-se ao grande outro (A)³ é ele um lugar no discurso do inconsciente "é de onde vem as determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido" e o sujeito é determinado pelos significantes do Outro (Ibid, pp. 21-22).

O outro com o qual nos relacionamos diz respeito ao registro imaginário, em que a imagem que atribuíamos ao outro depende de como nossa própria imagem se constituiu, ou seja, a imagem do eu se confunde com a imagem do outro, ela traz as marcas narcísicas provenientes

do estágio do espelho. Este por sua vez, é a "antecipação, por meio da imagem, da unificação do corpo, antecipação relativa à imaturidade neurológica da criança" (Ibid, p. 12), onde:

[...] o controle - uma vez adquirido - da inani-dade da imagem, logo repercute, na criança, uma série de gestos em que ela experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio refletido, e desse complexo virtual com a realidade que ele reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, os objetos que estejam em suas imediações (LACAN, 1998, pp. 96-97).

Ou seja, acontece uma transformação no sujeito (um bebê) ao reconhecer e assumir uma imagem. De acordo com Lacan (1998, p. 98):

[...] ela será também a origem das identifica-ções secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão funções de normalização libidinal. Mas, o ponto importante é que essa forma situa a instância do eu, desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irredutível para o indivíduo isolado - ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver, na condição de [eu], sua discordância de sua própria realidade.

Então, na formação do sujeito, o estágio do espelho é pensado como a precipitação que fabrica as fantasias. Estas fantasias vão da imagem desorganizada do corpo até a formação da totalidade, enfim "assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental" (Ibid., p. 100).

Desse modo, a identidade alienante marca o pai, a mãe e o filho, e é por meio do cálculo de um elemento que está faltando: o falo, que pode mudar essa posição que os mantêm escravizados, para dar sentido ao lugar que cada um ocupa. Se não consideram o símbolo do falo, se equivocando na ideia de que um deles é o elemento que falta "se o pai pensar que ele é o pai, se a mãe pensar que é A Mulher, se a criança pensar que é o falo para sua mãe – todos ficam presos [subjetivamente] em seus cálculos. Nenhum irá achar a saída. Ficarão aprisionados na eterna repetição" (LAURENT, 1997, p. 35, grifo

³O termo Autre, proveniente da língua francesa, é traduzido por Outro, na língua portuguesa.

do autor).

Não obstante, se admitirem que um componente falta, um novo caminho se inaugura no qual há possibilidade de encontrar o espaço para o desejo. Isto é entendido como os valores da verdade em análise, “a solução para o impasse da definição sexual é o fato de que não há inscrição de homem e mulher no inconsciente. Existem apenas invenções que tentam remediar a falta ou falha fundamental no inconsciente” (Ibid., p. 35).

Dessa forma, apresentamos a psicosexualidade para a compreensão da constituição psíquica. Acreditamos que a psicosexualidade está diretamente associada à subjetividade, ou seja, envolvida nas relações familiares de todas as formas, inclusive nas situações em que se apresentam casos de alienação parental. Apresentamos e discutimos a relação entre os conceitos lacanianos de “alienação e separação”, que podem contribuir para o debate sobre a alienação parental. Na seção três apresentaremos o vínculo amoroso, mantendo o enfoque psicanalítico, seguindo na leitura das obras de Freud e Lacan, que diferem de outras correntes psicológicas, uma vez que esta abordagem perpassa as veredas do inconsciente.

O VÍNCULO AMOROSO: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Compreender o vínculo amoroso requer um estudo aprofundado, uma vez que este se dá por vias bem mais complexas do que poderíamos supor. A primeira vinculação se dá com a constituição psíquica, conforme descrito na seção 2, evidenciada nos processos de alienação e separação.

O VÍNCULO AFETIVO

O laço afetivo estabelecido na vida adulta contém traços dos vínculos construídos durante a infância. Freud entende que meninos e meninas, durante a primeira infância, no desenvolvimento da psicosexualidade, se equiparam. Nas palavras de Freud, a respeito da conceituação mais pontual pertinente ao masculino e feminino “seria possível defender a alegação de que a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher” (FREUD, 2006d, p. 207).

Existem três níveis que determinam a constituição da identidade sexual do sujeito. “São eles: identidade psíquica (atividade/passividade); escolha de objeto; e caracteres sexuais anatômicos” (POLI, 2007, p. 60). Para Freud, a feminilidade está relacionada a uma posição de passividade pulsional (se colocar como objeto para o Outro) e a masculinidade a uma posição de atividade que busca a satisfação pulsional frente ao outro (Ibid, p. 32). As descobertas da psicanálise possibilitaram identificar caminhos que levam à escolha objetual sendo estes resumidos por Freud de acordo com aspectos do narcisismo: o que se é – a si mesmo, também o que se foi, aquilo que se gostaria de ser e a pessoa que em outro momento participou de nosso próprio Si mesmo.

Outra forma de escolha do objeto poderá envolver “o tipo de escolha por veiculação sustentada: a mulher que nutre; o homem protetor” (FREUD, 2004b, p. 110). As diferenças anatômicas “são atributos biológicos, associados à presença de glândulas específicas a cada sexo, produtoras de óvulos ou de espermatozoides” (POLI, 2007, p. 32).

Freud (2004b, p. 108) expõe que, a comparação entre homens e mulheres indica a existência de diferenças essenciais, apesar de não serem universais, que se referem a sua relação com a forma de escolha de objeto:

o amor objetual pleno, segundo o tipo de escolha por veiculação sustentada é característico do homem. Nesse modo de escolha, está presente uma evidente supervalorização sexual, que provém do narcisismo original da criança e que corresponde a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual. Essa supervalorização sexual permite o surgimento do peculiar estado de paixão, que aponta para a compulsão [Zwang] neurótica e que, assim, leva a um empobrecimento da libido do Eu em benefício da libido objetual. O desenvolvimento daquele que é o mais frequente e provavelmente o mais puro e autêntico modo de escolha de objeto por parte da mulher é bem diverso. [...] Elas não têm necessidade de amar, mas de serem amadas, e estão dispostas a aceitar o homem que preencher essa condição (FREUD, 2004b, p.108, grifo do autor).

A psicanálise freudiana demonstrou que os obstáculos ao incesto impossibilitam que o objeto da pulsão sexual seja o original, logo, a

perda deste objeto de desejo leva à busca interminável por substitutos, que, contudo, jamais proporcionarão uma total satisfação. “Isto pode explicar a inconstância na escolha de objetos, o ‘anseio pela estimulação’ que tão amiúde caracterizam o amor dos adultos” (FREUD, 2006g, p. 113). Todavia, mesmo os objetos sendo novos, eles manterão na escolha os modelos (imagos) daqueles objetos da infância e somente no passar do tempo serão capazes de atrair para si os afetos anteriormente fixados às figuras primitivas (Ibid., p. 108).

Com relação à escolha objetal, Lacan contribui sobre a causa do desejo com o conceito do objeto a⁴. Assim, de acordo com Quinet (2012, p. 32, grifo do autor):

para que você eleja alguém como parceiro sexual ele tem que conter ou estar nesse lugar de objeto para você. É o objeto a que se aloja no âmbito do Outro do amor no qual se transformou o seu próximo, seu semelhante, o pequeno outro, seu amor. Por possuir o objeto que desperta seu desejo, aquele que você ama é também seu parceiro sexual - ele vira então seu objeto de desejo. E isso lhe dá vontade de olhar para ele, ouvir sua voz, pegá-lo, agarrá-lo, abraçá-lo, beijá-lo, comê-lo, pegar um pedacinho dele para guardar com você, entrar dentro dele, fazê-lo entrar dentro de você! E até mesmo despedaçá-lo! As suas pulsões - sempre parciais - se satisfazem ao reduzir o Outro a um objeto. Pois o objeto a é o verdadeiro parceiro na sexualidade.

Quando existe prazer ocorre a atração, o amor que nos leva ao movimento de aproximação e incorporação do objeto. Por outro lado, quando o desprazer entra em cena, provoca um afastamento que é a repetição da fuga original de estímulos do mundo externo, “nesse caso, sentimos ‘repulsa’ pelo objeto e o odiamos; esse ódio pode então intensificar-se a ponto de se tornar uma inclinação para a agressão contra o objeto, com a intenção de destruí-lo” (FREUD, 2004a, p. 159):

enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor; ele surge do repúdio pri-

⁴Objeto a se constitui como vazio, é o objeto causa do desejo, anterior ao desejo. O objeto a faz referência à falta, que, de acordo com Lacan, só pode ser concebida por meio do simbólico. Assim, o objeto se reconhece como estruturalmente perdido e através do simbólico e do imaginário se fazem tentativas de preencher o vazio (GUEDES, 2010, pp. 165-166).

mordial do Eu narcísico ao mundo exterior portador de estímulos. O ódio é uma exteriorização da reação de desprazer provocada pelos objetos e mantém sempre um estreito vínculo com as pulsões de conservação do Eu; desse modo, as pulsões do Eu e as pulsões sexuais podem facilmente repetir entre si a oposição existente entre o odiar e o amar. Quando as pulsões do Eu passam a ter o domínio sobre as funções sexuais, tal como ocorre na etapa da organização anal-sádica, elas também transmitem à meta pulsional as características do ódio (FREUD, 2004a, p.161).

O rompimento da relação amorosa com o objeto pode dar espaço a sentimentos de hostilidade que geram a falsa impressão de que houve uma substituição do amor pelo ódio. Entretanto, se avançarmos a discussão a partir da noção já adquirida da construção da subjetividade, podemos ir além dessa descrição em que será possível conjecturar e encarar o lado hostil como uma regressão do ato de amar, regressão ao seu estado inicial sádico, de forma tal que o ódio apresentará “um caráter erótico que assegura a continuidade de uma relação de amor” (Ibid., pp.161-162).

UM TIPO ESPECIAL DE VÍNCULO AMOROSO: O CASAMENTO

Podemos encontrar casos de alienação parental em famílias que não realizaram o ritual religioso ou jurídico denominado casamento. O que determina a alienação parental é modo como o laço constituído entre um casal e os filhos, frutos desse laço, se estabelece. A tentativa paradoxal de excluir e depreciar um dos pais é que indica o laço amoroso existente.

A escolha objetal implica ao ser humano tanto satisfação como meta. O amor apresenta um viés de conexão com o narcisismo e este afeta o autoconceito. Quando amamos, se estivermos sendo correspondidos, eleva-se o autoconceito; por outro lado, não ser amado o reduz (FREUD, 2004b, pp. 115-116).

Pode-se pensar o casamento constituído a partir de três fundamentos: as trocas que envolvem reciprocidade de papéis e a organização do ciclo; os âmbitos biológico-social e reprodutivo, ligados à afetividade tanto materna quanto paterna; e estabelece um “jogo político de dominação e dependência” (ARAGÃO, 1994,

pp. 53-54). Segundo Souza (1994), foi a partir do Cristianismo que se acentuaram os valores morais que determinam a monogamia, a indissolubilidade da relação e a função de procriação do casamento:

[...] monogamia, fidelidade, indissolubilidade, fins de procriação circunscrevem uma saída para sexualidade como se estivesse suposta a possibilidade de encontro com um outro, um parceiro, que fosse objeto adequado, complementar e ideal (SOUZA, 1994, p. 124).

Souza (1994) questiona os valores contemporâneos atribuídos ao casamento. Esses valores podem ser pensados como registro simbólico de um real 'para sempre perdido' para o ser faltante, ou seja, o ser neurótico. Ele ainda reflete sobre a ideia romântica e narcísica, presente nos casais, de um encontrar no outro um complemento para si mesmo; o desejo de ter filhos e, a duração do vínculo, que é pensado como sendo para a vida toda, fruto de uma "bênção divina". Isso não seria "o próprio desfecho ideal para o real da sexualidade que é totalmente desprovido de um objeto privilegiado?" (Ibid., p. 125).

Sabemos da não existência do objeto privilegiado, aquele que satisfaria todos os desejos, e levaria a completude. É isso o que impede que o ideal seja alcançado, maridos e mulheres continuam a obedecer normas sociais, bem como, a moral sexual imposta, o que os leva a um dispêndio da energia psíquica, culminando, algumas vezes, no adoecimento. E essa situação é muitas vezes suportada pela simples razão de que recebemos do exterior uma lei que nos estrutura subjetivamente. "[...], e essa lei é também interna e, como lei interna, ela se manifesta como um certo número de imposições e de proibições internalizadas" (ALTOÉ, 2007, p. 8). Poderíamos pensar que se trata do superego formado na primeira infância, mas sempre atuante na vida psíquica de uma mulher ou de um homem.

A MATERNIDADE COMO MANIFESTAÇÃO DO DESEJO INCONSCIENTE E A AMBIVALÊNCIA NO ROMPIMENTO DO VÍNCULO AMOROSO

O complexo de Édipo, nas meninas, envolve o desejo de tomar para si o lugar da mãe e manifestar uma atitude feminina para com o pai,

visto que negar a existência do falo é algo intolerável, que exige uma atitude: o desejo de receber do pai um bebê que compensaria as perdas e seria um presente. Os "desejos – possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente ca-
textizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior" (FREUD, 2006f, p. 198). De acordo com Jerusalinsky (1994, p. 93):

[...] não é com pouco trabalho que a mulher paga a sua entrada na novela familiar, quando o faz pela via da maternidade. [...] Porém, que ela, a mulher-mãe, não encontre em definitivo a realização de uma garantia contra seu fantasma, não a poupa de se iludir em consegui-lo através de um filho. O mito da pureza materna revela de modo cabal o quanto o filho é chamado para outorgar consistência fálica aos significantes com os quais, tanto o homem quanto a mulher, tentam barrar o seu fantasma sexual sadeano.

Assim, tornar-se pai ou tornar-se mãe é um ato que implica a relação subjetiva com sua própria história. Por este lado, compreende-se que as heranças da infância se confrontam com os papéis da maternidade e da paternidade, pois trazem em si as fantasias e significantes destes sujeitos (ALTOÉ, 2007, p. 24). Freud postulou que a mulher busca na maternidade a resolução para seu complexo de castração. A maternidade significa para as mulheres um caminho à realização do amor objetal. A criança que será gerada representa uma parte do próprio corpo da mãe, um objeto narcísico, no qual a mulher pode investir todo seu amor (FREUD, 2004b, p. 109):

era das próprias mulheres que o psicanalista recebia a mensagem segundo a qual a gestação de um bebê, sobretudo se ele for do sexo masculino, permitiria a resolução da inveja do pênis, permitiria a inclusão simbólica do objeto da privação (POLI, 2007, p.17).

Em meio a todos estes aspectos que envolvem a maternidade e o desejo da mulher e do homem, em algum momento pode ocorrer um rompimento. O rompimento de uma relação amorosa não garante o rompimento do vínculo amoroso, ou seja, as pessoas não convivem, mas o amor e o ódio podem manter o vínculo.

Por outro lado, a cisão do laço amoroso precipita um "sentimento de perda de objeto que de alguma forma correspondeu [...] à fanta-

sia de completude, que se apresenta através de um parceiro, de um ideal de formação de família perene” (FUKS; OLIVEN, 2011, p. 57). Perder este objeto produz um luto, que se elaborado, conduzirá o deslocamento da libido para outro objeto. Porém, em alguns casos este luto desencadeia efeitos patológicos como nos casos em que a melancolia se apresenta. A presença da melancolia pode significar que a elaboração do luto não foi realizada, que a energia psíquica não foi investida em outro objeto libidinal, pois permanece catexizada no objeto inicial (LEVY; GOMES, 2011, p. 4).

Portanto, na separação do casal ‘casa-do’, ou seja, na separação jurídica, há uma outra separação, a subjetiva. Nela “a angústia experimentada pela mulher não está referida à perda real do objeto, mas à perda do amor por parte do objeto” (FREUD, 2006i, p. 135).

A ALIENAÇÃO PARENTAL COMO UMA DAS CONSEQUÊNCIAS DO ROMPIMENTO DO VÍNCULO AMOROSO

Encontramos autores que acreditam que seja necessária a diferenciação conceitual entre Alienação Parental e Síndrome de Alienação Parental (SAP). De acordo com Levy e Gomes (2011, p. 2), a Alienação Parental ocorre quando um genitor busca criar obstáculos e desfazer os laços entre o(s) filho(s) e o outro genitor. Para Gardner (2002), a SAP é um subtipo da Alienação Parental e é por ele conceituada como:

[...] um distúrbio da infância que aparece quase exclusivamente no contexto de disputas de custódia de crianças. Sua manifestação preliminar é a campanha denegatória contra um dos genitores, uma campanha feita pela própria criança e que não tenha nenhuma justificção. Resulta da combinação das instruções de um genitor (o que faz a “lavagem cerebral, programação, doutrinação”) e contribuições da própria criança para caluniar o genitor-alvo (RICHARD; GARDNER, 2002, p. 2).

Portanto, o fenômeno da alienação parental está ligado, em muitos casos, a uma forma de punição infligida a um dos cônjuges - seja ele o homem ou a mulher -, por meio de um impedimento do relacionamento entre o filho/filha e pai ou mãe, imposto por um dos genitores, com relação ao outro (OLIVEN, 2010, p. 20). As razões

para a ocorrência desta interdição de convívio saudável entre a criança e seu genitor podem ser múltiplas, e as consequências para a criança são muitas vezes marcantes, envolvendo questões relativas à ambiguidade concernente à dualidade amor-ódio, à qual os pais muitas vezes estão expostos, e que envolvem, em geral, fatores inconscientes, como cita Oliven (2010, pp.18-19):

[...] uma digressão sobre estes sentimentos, em particular sobre o desejo, o ciúme, o amor e o seu duplo reverso, o ódio, vem em busca de um entendimento sobre conteúdos pulsionais do inconsciente. E ainda sobre a ambiguidade entre amor e ódio, confundindo os pais, as suas emoções com os direitos de seus filhos. A falta de ordem e de clareza no método eleito pelos pais podem conduzir à destruição do outro, ao privar a criança do necessário convívio com o núcleo familiar e afetivo do qual faz parte.

Assim, nos conteúdos pulsionais pode-se encontrar a conversão de amor em ódio, e estes sentimentos geralmente ocorrem concomitantemente e se direcionam ao mesmo objeto. Essa existência comum revela “o exemplo mais significativo de uma ambivalência de sentimento” (FREUD, 2004a, pp. 156-157). A ambivalência indica que a libido permanece conectada ao objeto amado, não permitindo o desvio de objeto do investimento da energia psíquica libidinal (LEVY; GOMES, 2011, p. 4). Os sentimentos de amor e ódio vinculam-se ao narcisismo, uma vez que a hostilidade tem sua gênese na aversão inicial do Eu narcísico em relação à realidade externa dos estímulos.

Quando o objeto libidinal deixa de corresponder às fantasias, anseios fusionais e idealizações que estão nele investidas, indivíduos excessivamente narcísicos podem ser tomados por um sentimento que culmina com uma reação hostil, de perseguição e destrutividade a esse mesmo objeto. As feridas narcísicas deixadas despertam no sujeito não o desejo de cessar o conflito, mas sim “uma necessidade de vingança, de reparar uma afronta, marcada por uma compulsão inexorável de perseguir esses objetos sem dar trégua àquele identificado como o ofensor” (LEVY; GOMES, 2011, p. 3). Compreende-se que, nessa busca pela retaliação, o sujeito almeja equiparar, atualmente, no outro, a humilhação e sofrimento que sentiu na

separação.

A decepção faz com que a relação com o objeto se dilacere, e um dos caminhos para a libido é a retirada para o eu, o que possibilita a identificação com o objeto que foi abandonado (FERREIRA, 2010, p. 73). Essa perda de objeto, nas palavras de Freud (2006h, p. 255) “se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação”.

Essa desilusão aponta a existência da fantasia, que não é de todo negativa. Segundo Ferreira (2010, p. 79) é a fantasia que garante e previne que o desejo encontre satisfação completa. Ao fantasiar instauramos a insatisfação que impede o encontro com o objeto que se encaixe “perfeitamente”, e isso propicia a estabilidade do aparelho inconsciente. Sendo assim, a fantasia ao psiquismo atua como protetora, impedindo uma desordem incomensurável do desejo, ou seja, um verdadeiro caos para o sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo não abordou os elementos jurídicos implicados no processo de alienação parental. Entretanto, nosso objetivo, neste trabalho, foi alcançado, tendo em vista que realizamos uma articulação entre a alienação parental e a psicanálise, especificamente quanto a construção e a desconstrução dos vínculos amorosos entre genitores e seus filhos em situação de alienação parental. Os conceitos psicanalíticos respaldaram teoricamente a compreensão dos processos psíquicos envolvidos nos vínculos amorosos, especificamente quanto ao entendimento sobre a ambivalência presente nas relações afetivas de um casal que rompe um relacionamento e passa a depreciar, até mesmo, odiar o outro do par amoroso.

A alienação parental é compreendida como uma tentativa de tomar para si o amor que um filho destinaria ao outro do casal parental, semelhante a uma disputa amorosa entre irmãos pelo amor de um pai ou de uma mãe. Entretanto, em nosso estudo a alienação parental ultrapassa esta definição, pois enfoca os aspectos intrapsíquicos de uma pessoa, e não a relação interpessoal, que se constitui nos laços entre pais, avós, tios e demais pessoas envolvidas nas relações familiares que podem provocar a alienação parental. A partir deste es-

tudo, é possível compreender que as questões subjetivas são passíveis de conhecimento, uma vez que o sujeito neurótico se encontra dividido, entre uma vida externa a qual procura dominar e outra vida interna, pulsional, que lhe domina, exigindo satisfação para o alívio da energia psíquica. Nesse sentido, pesquisamos o caminho das marcas deixadas pela organização genital infantil da psicosexualidade, abordando o conceito de pulsão e sua relação com o organismo e a dimensão simbólica, representacional.

Iniciamos a discussão das contendas que envolvem os princípios de prazer e de realidade, que estão relacionados ao conflito entre ‘id’ e ‘ego’. Assim, consideramos a inauguração de uma fenda, a falta, que surge no sujeito marcado por um processo primitivo de alienação e separação, que o insere na ordem simbólica.

Para o entendimento do vínculo com o Outro, discorreremos acerca das relações de objeto, as quais nascem da experiência com o próprio corpo, no auto-erotismo. Pontuamos também a importância das zonas erógenas e a influência que elas exercem sobre o desenvolvimento posterior da vida psíquica, ou seja, há marcas da psicosexualidade infantil nas relações do casal parental.

Identificamos também, como causa da alienação parental, as condições subjetivas de masculino e feminino, atividade e passividade presentes no Complexo de Édipo. Tais condições colocam em questão os processos psíquicos da identificação, a operação da castração e a formação do ‘superego’.

Com a finalidade de entender os vínculos afetivos, estudamos os três níveis que determinam a constituição da identidade sexual do sujeito e as veredas relacionadas ao narcisismo que levam à escolha objetal. Estes aprofundamentos teóricos possibilitaram compreender que nos enlances amorosos, uma pessoa busca na outra muito mais que a satisfação de um desejo atual, mas, o encontro com uma imago perdida, a repetição no deslocamento em busca do objeto a.

Desse modo, a maternidade e a paternidade também são herdeiras de uma história subjetiva. Conceber um filho poderia então desmentir a falta, mesmo que temporariamente. Todavia, uma vez que o casamento e o ato de ter um filho descumprem com a idealização de satisfação absoluta, pode ocorrer uma frustração do imaginário que leve ao distanciamento,

às disputas e à depreciação. A teoria psicanalítica nos mostrou que não existe a cisão definitiva do laço amoroso, pois há laços recalcados presentes nos laços atuais, mas o que ocorre é a perda do objeto amado. Então, perder o objeto produz um luto, que quando elaborado, conduz a energia psíquica para outro objeto. Porém, nos casos em que ocorre a alienação parental e que a melancolia se apresenta como sintoma, juntamente com a agressividade a libido permanece catexizada no objeto inicial.

O que ocorre na alienação parental é a transformação do amor em ódio, que em essência fazem parte de um par ambivalente. Mantêm-se a catexia no mesmo objeto, que de modo inconsciente permanece vinculado a ele. Assim, um genitor busca criar obstáculos e desfazer os laços entre o(s) filho(s) e o outro genitor, por meio de uma campanha denegritória, em que um desvaloriza as qualidades do outro frente aos filhos em questão. Esse é o âmago da alienação parental.

Acreditamos que o fenômeno da alienação parental vai além dos limites da psicologia ou da psicanálise. Encontramo-lo como um objeto de estudo da psicologia jurídica e, adentrando no mundo dos fatos jurídicos, em que este desencontro no relacionamento familiar tem sido fortemente resguardado pela legislação pátria: identificamos a Lei nº 12.318/2010, de 26 de agosto de 2010. Assim, a Lei da Alienação Parental pode ser “uma tentativa formal de coibir familiares a restringir o convívio adequado entre a criança e algum ente querido [...] buscando limitar autoridades parentais inadequadas dos pais para na criação com seus filhos” (BUOSI, 2012, p. 116).

Entretanto, a alienação parental, sob a luz da psicanálise, é compreendida como ponto ambívio de um sujeito, traduzido num dilema paradoxal em que a ação depreciadora encontra em seu reverso o desejo amoroso de manutenção do vínculo e de que haja objeto a. Sendo assim, a psicanálise não procura revelar os ‘porquês’, e sim ‘como’ ocorrem as relações amorosas, ou seja, é por meio da dinâmica inconsciente, que, em sua profundidade, são determinadas ou influenciadas as escolhas amorosas, sejam elas no par amoroso, ou na escolha da maternidade e da paternidade (em que o par amoroso é constituído entre mãe-filho ou pai-filho) e nos pseudorrompimentos dos vínculos afetivos.

REFERÊNCIAS

- ALTOÉ, S. **A lei e as leis: direito e psicanálise**. Rio de Janeiro: Revinter, 2007. p. 61-83.
- ARAGÃO, L. T. de. **O casamento acabou: viva o casamento**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- BUOSI, C. de C. F. **Alienação parental: uma interface do direito e da psicologia**. Curitiba: Juruá, 2012.
- CABAS, A. G. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito questão**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- CALLIGARIS, C. et al. **O laço conjugal**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- ELIA, L. **O conceito do sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.
- FERREIRA, E. de P. A separação amorosa: uma abordagem psicanalítica. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 8, n. 1, p. 56-97, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/15/P&Brev15Ferreira.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2013.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006d. v. 7.
- _____. Psicanálise silvestre (1910). In: _____. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910[1909])**. Rio de Janeiro: Imago, 2006e. v. 11.
- _____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II) (1912). In: _____. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910[1909])**. Rio de Janeiro: Imago, 2006g. v. 11.
- _____. Luto e melancolia (1917). In: _____. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago,

2006h. v. 14.

_____. Além do princípio do prazer (1920). In: _____. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1925-1926)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006c. v. 18.

_____. Uma breve descrição da psicanálise (1923). In: _____. **O ego e o ID e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. v. 19.

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: _____. **O ego e o ID e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006f. v. 19.

_____. Inibições, sintomas e angústia (1926/1969) In: _____. **Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006i. v. 20.

_____. Conferência XXXI – A dissecação da Personalidade Psíquica (1996). In: _____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. v. 22.

_____. À guisa de introdução ao narcisismo (1914). In: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004b. 3 v.

_____. Pulsões e seus destinos (1915). In: _____. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2004a. v. 1.

FUKS, B. B.; OLIVEN, L. R. A. Alienação parental: A família em litígio. **Polêmica**, v. 10, n. 1, p. 56-73, jan./mar. 2011.

GUEDES, D. de F. P. Uma introdução ao conceito de objeto a. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 8, n.1, p. 159-174, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/15/P&Brev15Guedes.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2013.

JERUSALINSKY, A. Os filhos como sintoma conjugal. In: CALLIGARIS, Contardo et al. **O**

laço conjugal. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu: tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. 1949. In: _____. **Escritos** (1966). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998, p. 96-103.

LAURENT, E. Alienação e separação I (1997). In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (Org.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar, [19--]. p. 31-41.

LEVY, L.; GOMES, I. C. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1. jun. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v43n1/v43n1a03.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2013.

OLIVEN, L. R. A. **Alienação parental**: a família em litígio. 2010. 20f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.uva.br/mestrado/dissertacoes_psicanalise/alienacao-parental-a-familia-em-litigio.pdf>. Acesso em: 18 ag. 2013.

POLI, M. C. **Feminino/ masculino**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012.

RICHARD, A.; GARDNER, M. D. **O DSM-IV tem equivalente para o diagnóstico de Síndrome de Alienação Parental (SAP)?** Disponível em: <<http://www.alienacaoparental.com.br/textos-sobre-sap-1/o-dsm-iv-tem-equivalente>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOUZA, Y. S. Até que a morte os separe. In: CALLIGARIS, Contardo et al. **O laço conjugal**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

EL VÍNCULO AMOROSO EN LA ALIENACIÓN PARENTAL: UNA CONSTRUCCIÓN BAJO LA LUZ DEL PSICOANÁLISIS

RESUMEN: Este artículo ha tenido por objetivo realizar un estudio sobre la alienación parental a la luz de conceptos psicoanalíticos. Utilizamos como me-

metodología de investigación la revisión bibliográfica, priorizando las obras de Sigmund Freud y Jacques Lacan, los cuales fundamentan el abordaje teórico en cuestión, así como, autores contemporáneos que tratan de la alienación parental. La teoría psicoanalítica posibilitó la comprensión de la constitución psíquica del sujeto, al considerar los principios de placer y de realidad, los procesos de alienación y separación, y el Complejo de Edipo. Además, discutimos como la dinámica inconsciente (por medio del ego, id y súper ego) influencia en las escojas amorosas, en la maternidad, en la paternidad y en el rompimiento de los vínculos afectivos. Tales conceptos fueron pesquisados a fin de analizar el vínculo amoroso en la alienación parental, en que un genitor, o cualquier otra persona que ocupe la función materna o la función paterna para el niño en cuestión intentan alejar física y emocionalmente un hijo de sus padres. La alienación causada por un genitor, abuelos, tíos, u otros, se caracteriza por los actos que suscitan obstáculos a la relación, sentimientos despreciativos, y que de hecho busquen des construir los lazos entre hijo(s) y un genitor, o cualquier otra persona que rellene esta otra función.

PALABRAS CLAVE: Psicoanálisis; Alienación parental; Vínculo afectivo; Inconsciente; Ambivalencia.